

O bicentenário de Karl Marx e a práxis jornalística contemporânea¹

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA²
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES

Resumo

Com a efeméride das comemorações de duzentos anos do nascimento de Karl Marx, o texto apresenta as três fases de sua trajetória enquanto jornalista e debate que características dessa práxis noticiosa podem ser relevantes para uma teoria da prática jornalística contemporânea. Na dialética da continuidade/descontinuidade esse percurso histórico-biográfico desenha o perfil do jornalista Marx e revela fatores dessa produção que podem ser “repetidos” pelos jornalistas atuais, entre eles, o jornalismo como um mapeamento do território em que as ações humanas podem se objetificar e a fidelidade à exatidão dos acontecimentos, vistos em sua concretude.

Palavras-chave: Marx; Teoria do Jornalismo; Conhecimento.

Introdução

Em 2018 comemoraram-se os duzentos anos de nascimento de Karl Marx. Para muitos, ele foi o pai do socialismo científico, o crítico mordaz do capitalismo, ícone da esquerda global, clássico da sociologia, adversário da economia política burguesa, articulador maior do socialismo científico e do materialismo histórico, poucos, todavia recordam sua atuação enquanto jornalista. Este artigo busca resgatar passagens biográficas da trajetória de Marx no jornalismo, considerando que, mesmo operando em um período histórico díspar, sua atuação no campo pode nos trazer fundamentos inescapáveis para a práxis noticiosa em tempos atuais.

Na maior parte das vezes, Marx é rotulado como o próprio diabo - assim ele aparece satiricamente representado em sua biografia em quadrinhos (SIMON e MAIER, 2018). A revista Newsweek matou seu legado nos anos 1970 e a imprensa global o resgatou do limbo em 2008, quando os alicerces da economia global sofreram mais um abalo das crises do capital (BENSAÏD, 2013). Em 2017 o filme-homenagem de Raoul Peck “O jovem Marx” ganhou salas no Brasil após um movimento ampliado de manifestações pela sua exibição, demonstrando o constante interesse pela sua obra. A representação da juventude do autor não poderia deixar de focar sua atuação como

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes, e-mail rafaelbellan@yahoo.com.br

repórter e publicista e, já nos primeiros minutos da obra, o fechamento da Gazeta Renana e a perseguição policial à Marx resumem de forma ficcional a tônica de sua vida política nos jornais do século XIX.

Ele é um autor mal compreendido na maior parte das vezes, como atesta Eagleton (2012), que vê distorções graves de seu pensamento por parte dos detratores. Mitos como seu economicismo, utopismo, determinismo, teorismo, obsessão por classes, violência revolucionária, fascínio por ditaduras estatais, e, até mesmo, inexpressividade frente aos movimentos identitário e culturais, são difundidos amplamente para sepultar sua influência. Mesmo assim, ele ressurgiu como uma fênix durante a crise de 2008. A obra magna *O Capital* triplicou suas vendas da edição alemã, dez anos atrás. “A alienação, a ‘comoditização’ da vida social, a cultura da ganância, a agressão, o hedonismo insensato e o crescente niilismo, a distorção constante do significado e do valor da existência humana” (EAGLETON, 2012, p.3) são debates que devem muito à tradição do pensamento de Marx e mostram sua atualidade. Autores como Fuchs e Mosco (2012), Grohmann (2014) e Marques de Melo (2011) resgataram a importância do pensamento marxiano e marxista para as pesquisas da comunicação e parecem concordar sobre a inevitabilidade de suas ideias para os debates contemporâneos. Nas Teorias do Jornalismo brasileiras, a força de seu legado gira em torno dos estudiosos da obra de Genro Filho (2012), como Moretzsohn (2008), Pontes (2015) e Souza (2017).

Os ruídos de seu bicentenário na imprensa nacional hegemônica foram minguados, a Folha de S.Paulo (edição de 6/5/2018), por exemplo, se preocupou em comentar o lançamento de uma nova biografia, tida pelos especialistas como definitiva, de autoria de Michael Heinrich (2018). Só que o texto tenta, insistentemente, retirar de Marx sua potência revolucionária. O material lança um enfoque pasteurizado, tentando demonstrar a validade das ideias do pensador alemão para além dos movimentos emancipatórios que ele inspirou, colocando até mesmo o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como seu seguidor (em um insustentável malabarismo retórico).

O fato é que Marx produziu um numeroso material jornalístico, atuou na Gazeta Renana, na Nova Gazeta Renana, no Die Presse e no New York Tribune, entre outros. O jornalismo foi a única atividade profissional remunerada do filósofo da práxis. Inegável, contudo, que nos avanços de seu pensamento, essa atividade, que o obrigava a estar em contato com as polêmicas e conflitos mais emergentes de sua era, exigiu dele um

choque de realidade. Além de laboratório de suas principais formulações, o olhar dialético e materialista presente em seus textos jornalísticos nos fornecem rico material para pensar a atividade dos repórteres. “Estudiosos que ensinam sobre Marx em programas de comunicação se concentram exclusivamente em sua escrita teórica e tendem a não ter muito a dizer sobre Marx como jornalista” (MOSCO, 2012, p. 573)³. A presença de Marx e do marxismo em cursos de jornalismo, além de eclipsada por outros autores, quase não se centram na sua produção jornalística. “Isso é lamentável porque há muito a aprender sobre jornalismo a partir de uma análise da carreira de Marx como comunicador profissional” (MOSCO, 2012, p.573). Esse texto visa contribuir em um movimento para a superação dessa lacuna.

O jornalista Marx em três fases

Marx atuou como jornalista em vários momentos de sua vida, uma atividade que, semelhante aos dias de hoje, estava muito longe de garantir uma estabilidade financeira e um projeto profissional de largo alcance. Contudo, com dificuldades em vislumbrar uma carreira acadêmica sólida após a demissão de Bruno Bauer, o jovem recém-doutor pela Universidade de Jena, que fez uma valiosa tese em filosofia sobre o pensamento de Demócrito e Epicuro, decide colaborar com a imprensa. “Ele decidiu seguir o jornalismo porque, como tantos novos PhDs hoje, não conseguiu encontrar um emprego acadêmico, particularmente sob os controles sufocantes da universidade que o governo prussiano impôs” (MOSCO, 2012, p.574).

Ele primeiro contribuiu com Arnold Ruge na revista *Anais Alemães*, mas logo passa a atuar na *Gazeta Renana*, em maio de 1842, aproximando-se dos hegelianos de esquerda que animavam o debate político na região da Renânia, na antiga Prússia. Em seus textos, defendeu a liberdade de imprensa contra a censura (MARX, 2006), esfera que, em perspectiva democrática liberal, a categoriza enquanto um direito universal. Mas isso não impede que o filósofo da práxis defenda que a imprensa deveria se emancipar da liberdade comercial. “Ao longo de sua carreira no jornalismo, Marx se opunha a todas formas de censura e regularmente defendia a liberdade de expressão” (MOSCO, 2012, p.574). Em artigos de janeiro de 1843, ele discute “os elos estreitos que unem a imprensa e o espírito de um povo na formação de uma opinião e de um espaço público” (BENSAÏD, 2017, p. 12). Para Marx, nesse momento de filiação à

³ As citações de Mosco (2012) são traduções nossas.

esquerda neo-hegeliana, o jornal é visto como um órgão que congrega várias opiniões em um único espírito e que surge como o coração e inteligência de um povo, aparelho produtor da opinião pública.

A imprensa livre é o olhar onipotente do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza suas formas brutas. É a franca confissão do povo a si mesmo, e sabemos que o poder da confissão é o de redimir. A imprensa livre é o espelho intelectual no qual o povo se vê, e a visão de si mesmo é a primeira condição da sabedoria (MARX, 2006, p. 60).

Marx rapidamente se torna diretor da publicação, em dezembro de 1843. O perfil engajado do periódico o colocou de frente a desafios políticos de risco cada vez mais alto. “A Gazeta Renana buscava realizar a unificação de todas as forças progressistas alemãs numa ampla oposição, profundamente enraizada na vida nacional, contra o regime reacionário de Frederico Guilherme IV (...)” (LUKÁCS, 2009, p.133).

A imprensa nesse momento tornara-se uma importante arena de combate ao absolutismo alemão. Pino (2014) ressalta que o jornalismo de Marx foi guiado pela produção de cartografias políticas para intervir na luta de classes. Seus textos surgiam como elementos de apresentação de fatos conjunturais, como intervenção política no presente e também como exploração (dialética) das contradições de sociedades complexas e dinâmicas que afloram na aurora da modernidade. “A atividade jornalística é, portanto, uma dinâmica fortemente enraizada na matriz de seu pensamento teórico-político. (...) Marx achava que o jornalismo era uma ferramenta essencial de análise e difusão para sua tarefa crítica e política” (PINO, 2014, p.113)⁴.

Na Gazeta Renana, um espírito ainda democrático-liberal norteava a visão do jovem Marx, que via o jornal como um bastião do exercício público da razão crítica (BENSAÏD, 2017). É durante essa atuação enquanto redator-chefe do periódico que Marx vai se tornando mais crítico ao liberalismo renano e vai se aproximar das ideias socialistas. Mas a virulência com que defendeu os camponeses no debate sobre o roubo da madeira (MARX, 2017) e a pressão em, de forma honesta, exata e singular, apreender os conflitos materiais que se esboçavam à sua frente, direcionaram o pensador a se dedicar às questões econômicas.

⁴ Também traduzimos as citações de Pino (2014) para facilitar a disseminação e suas ideias.

Nos textos inaugurais na Gazeta Renana, Marx denunciou o caráter reacionário das Novas instruções para a censura, baixadas em dezembro de 1841 pelo governo imperial a pretexto de atenuar a censura e permitir maior liberdade de expressão; e tratou de temas como a desigualdade social e a defesa dos camponeses pobres do sul do Reno contra a exploração pelos grandes proprietários de terras (MORAES, 2016, p. 35).

Lukács (2009) considera o jovem Marx um jacobino radical no plano político e idealista no plano filosófico. Mas a crise teórica e militante que adveio com a análise da realidade prussiana em seus textos apenas o afastou temporariamente da atividade enquanto jornalista político, algo que como dissemos ele manteve por quase toda a vida. O olhar sobre os fatos no Marx da Gazeta Renana era inspirado nas reflexões de sua tese de doutorado, que colocava no centro da filosofia a busca por sua prática entre os homens. Certo trato mais materialista dos conflitos sociais apareceria em muitos artigos, mas não em sua totalidade. “Com efeito, apesar do ponto de partida idealista, a crítica de Marx às condições alemãs de sua época é extraordinariamente concreta, tanto no plano histórico, como no plano social” (LUKÁCS, 2009, p. 138).

Essa inclinação do jovem filósofo com o mundo das contradições materiais o fez superar pouco a pouco as abstrações idealistas e revelou sua virtuosa dedicação à busca da verdade no plano factual. Essa vontade incansável em entender a conjuntura, advinda da posição política, somada a uma audácia em enfrentar quem fosse, mesmo amigos próximos, definem um caráter cada vez mais necessário aos jornalistas. “Seu trabalho de jornalismo neste período concentrou-se em investigações sobre o establishment político autoritário da Prússia e incluiu numerosos artigos sobre censura e liberdade de imprensa, que o colocaram em constantes dificuldades com as autoridades (...)” (MOSCO, 2012, p. 574). Era um analista crítico e profundo das questões emergentes, cuja ilustração e racionalidade sempre o demarcou em um lugar no bojo dos embates sociais. Essa luta o fez ser banido de seu país. “Os acionistas capitalistas o acusavam de radicalizar a oposição à ordem vigente e pôr em risco a sobrevivência do jornal. Já para as autoridades prussianas, Marx era um “agitador subversivo” que precisava ser barrado e silenciado” (MORAES, 2016, p.36).

Essa primeira fase do Marx jornalista (1842-1843) é seguida pela sua partida para a França. Em contato com as questões classistas e substituindo seu perfil mais noticioso por uma dimensão analítica de cores ensaísticas, Pino (2014) descreve que a

segunda fase (1843-1844) da produção jornalística de Marx se dá nos Anais Franco-Alemães, revista coordenada por Ruge em território francês.

O mundo do trabalho, o mercado e um poder estatal não democrático cativavam as preocupações do jornalista (PINO, 2014). Nesse momento, após um denso amadurecimento filosófico do jovem Marx, fica perceptível na sua produção a atenção às forças motrizes da sociedade e os objetivos da revolução (LUKÁCS, 2009). Mehring resume a visão de Marx sobre o objetivo dos Anais: “infundir à época a consciência (filosofia crítica) de suas lutas e desejos” (2013, p.74). A ruptura entre Marx e Ruge simboliza a cisão do jovem filósofo com seu passado hegeliano. Com outros exilados, como Engels e Bakunin, ele formou outro jornal, o Avante!, claramente motivado pela oposição a monarquia prussiana. São artigos nesse veículo que levam o jovem Marx a ser expulso da França, fixando-se na Bélgica. Nessa segunda fase de sua produção jornalística fica evidente que o ponto de vista da classe trabalhadora adotado por ele modifica totalmente sua visão de mundo. O olhar sobre o Estado burguês está agora munido com a ferramenta investigativa da contradição material que o sustenta.

A terceira fase (1948-1950) do Marx jornalista, para Pino (2014) ocorre depois de uma lacuna de quatro anos, em que o filósofo se dedicou ao ativismo e à redação de textos como a Ideologia Alemã e o Manifesto do Partido Comunista, esse último claramente influenciado por uma linguagem jornalística. Moraes (2016), todavia, aponta que mesmo nesse período, Marx manteve sua pena carregada, atuando em jornais socialistas radicais. Os escritos filosóficos e históricos irão determinar o tom da nova abordagem do autor na produção jornalística. “O conteúdo desses textos irá influenciar decisivamente seu novo jornalismo, que abandonará o terreno conceitual e a forma de ensaio para adentrar-se no âmbito do concreto através da notícia” (PINO, 2014, p. 116).

De volta à Colonia, Marx e Engels criam a Nova Gazeta Renana, veículo que foi um observatório jornalístico das revoluções europeias, local em que foi publicado os artigos que compõem a obra As Lutas de Classes na França. Os acontecimentos mais relevantes dos movimentos operários foram cobertos pela equipe do periódico, composto por uma rede de correspondentes e tendo grande tiragem de exemplares. “O jornalismo de Marx foi mais intensivo em dois períodos, nos primeiros anos, quando aos 24 anos ele escreveu e logo depois assumiu o cargo de redator-chefe da Gazeta Renana, e depois novamente como redator e editor da Nova Gazeta Renana na Prússia” (MOSCO, 2012, p.574).

Para Pino (2014), contudo, a quarta fase (1851-1862) da produção jornalística de Marx seria a mais importante. Isso porque é nesse período que, de volta à Londres, ele produz, para o diário norte-americano *Die Revolution*, as reportagens que geraram a obra *18 Brumário de Luís Bonaparte* (MARX, 2011a), que tratam do golpe de Estado na França em dezembro de 1851. Praticamente um livro-reportagem, esse texto apresenta também a aplicação do materialismo histórico na análise de uma conjuntura específica. Ele faz uma caracterização das disputas de poder, dos personagens, traçando uma rica interação entre elementos estruturais e causas históricas. O acontecimento e suas causas e implicações tornam-se matéria prima da escrita de Marx, que busca as mediações e contradições concretas em sua densa reportagem. Entre 1852 e 1862 ocorre sua fase mais duradoura de associação jornalística, quando ele foi correspondente europeu do *New York Daily Tribune*. A produção nesse período chega a impressionar, com mais de 300 textos escritos por Marx e outros 150 escritos por Engels. Essas últimas eram assinadas por Marx, mas produzidos pelo parceiro, que lhe dava apoio para ajudar nas finanças.

Seus artigos de nível e estilo apurados se distinguiam do jornalismo superficial praticado na época. Suas fontes eram as figuras do movimento democrático e operário de Londres, os contatos de Engels no circuito econômico de Manchester, e o resultado das visitas de Marx ao Parlamento inglês e das suas pesquisas no Museu Britânico (BARSOTTI, 2009, p.122).

Os textos versavam sobre as crises do mercado mundial, os conflitos armados na Europa, a situação da classe trabalhadora, a dominação colonial e a busca de emancipação dos negros, entre outras temáticas, como diplomacia internacional e comércio do ópio. O *New York Tribune* foi fundado por Horace Greeley, um líder da imprensa americana antiescravista, que tinha como linha editorial uma ampla cobertura de eventos diversos e de assuntos públicos. Foi nas páginas deste jornal que Marx começou a deslindar as causas da crise geral econômica que afetava o globo em 1857. Neste período, ele dividia as escritas periódicas como correspondente com a produção dos esboços que compõem os *Grundrisse* (MARX, 2011b).

Mesmo nitidamente progressista, o *Tribune* não deixava de exercer certo poder editorial nos textos de Marx, o que o levou até mesmo a criticar essas formas de assédio. Eles constantemente mudavam o tom de seus artigos, muitas vezes depois de o colunista já os ter assinado.

Apesar desses ataques, Marx continuou a praticar jornalismo por causa de seu compromisso com o princípio de que o jornalismo não era apenas uma vocação ou um clamor, mas uma convocação política. Ele reconheceu que um jornal como o *Tribune* fez mais do que ajudar a pagar suas contas; forneceu-lhe uma plataforma para alcançar um público amplo que, na época em que ele escreveu, contava com 200.000 exemplares em circulação, incluindo Abraham Lincoln, que o leu avidamente (MOSCO, 2012, p. 574).

Pino (2014) lista algumas características dessa fase do Marx jornalista maduro: uma ampliação das bases de análise do filósofo; aprofundamento das relações existentes entre trabalho assalariado e capital; uma abordagem sobre as culturas não ocidentais; concepção empírica e realista da luta de classes; compreensão, resultante das temáticas anteriores, de uma visão policrônica e multilinear da história. Junto aos *Grundrisse* (MARX, 2011b), os esboços que antecipam a obra magna de Marx, sua atuação jornalística revelava a ele um suporte laboratorial na compreensão ontológica da realidade social de seu século. Seus textos focavam uma linha mais pedagógica do que seus artigos e obras científicas e ele, excetuando alguns momentos de indignação com o tempo que lhe era tomado⁵, entendia que o jornalismo era uma arma para colocar sua teoria em prática e auxiliar a classe trabalhadora a compreender seus objetivos históricos.

Assim, ele tecia uma paisagem conjuntural do mundo moderno apresentando os elementos violentos e desiguais dessa realidade capitalista nascente. Como aponta Mosco (2012) Marx tinha um foco implacável e radical sobre as principais questões que o mundo enfrenta, postura fundamental para um jornalismo de qualidade.

Teoria Marxiana do fazer jornalístico

A atividade jornalística profissional de Marx se dá em um contexto de contínuas mudanças na imprensa. Rapidamente podemos associá-lo a um tipo de jornalismo partidário, mais preocupado em convencer politicamente em prol de grandes causas, contudo, é possível verificar sua atuação como expressão de uma fase específica da produção editorial. O século XIX ainda estava marcado por um tipo de jornalismo que tinha uma conexão muito grande com as discussões político-partidárias. Os jornais estavam em processo de mutação, de um modelo em que se destacava o publicismo

⁵ Marx (2008) reclamou do fato dessa atividade econômica muitas vezes lhe tirar o foco e dedicação à sua obra teórica. Mas reconhece também como o jornalismo o permitiu conhecer acontecimentos econômicos marcantes.

(séculos XVII e XVIII), para a ascensão do jornalista como um educador (LAGE, 2001).

A imprensa que tinha uma conotação mais comercial, ligada às atividades do capitalismo nascente transmuta-se para um jornalismo de opinião, literário, empenhado, segundo Habermas (1987) na criação de uma esfera pública burguesa. Já Shudson (2010) aponta que antes de 1830 a preocupação com a informação objetiva não direcionava a imprensa. É com a criação do telégrafo e o surgimento da primeira agência de notícia nos Estados Unidos, a Associated Press, em 1848, que a ideia de reportagens objetiva passa ao primeiro plano. Mas o imperativo da mudança de um modelo narrativo para um modelo informativo se dá ao final do século XIX. A estrutura empresarial e a expansão da cultura comercial, bem como a necessidade de alcançar a massa de leitores, ao mesmo tempo em que não afasta nenhum potencial anunciante, leva à busca por um distanciamento do engajamento político explícito. “A constituição do jornalismo como atividade industrial, ao longo do século XIX, viria a profissionalizar essa prática e submetê-la, embora nunca sem conflitos, às demandas do mercado” (MORETZSOHN, 2007).

O jornalismo de Marx possui a marca do publicismo e do dirigismo político, mas seria leviano não reconhecer, como já explicitamos acima, seu compromisso com a análise conjuntural e as especificidades da realidade concreta. A subjetividade dessa figura exemplar promoveu avanços na leitura dos fatos e, mesmo que na maior parte das vezes seus materiais de destinassem a aprofundamentos de questões contraditórias, sempre buscando, pela dialética, enxergar as causas históricas e os processos de lutas que envolvem os eventos, os aspectos singulares do real jamais eram negligenciados.

Diferente do jornalismo atual, hegemônico pelo gênero informativo, Marx apresentava um debate sólido sobre cada questão abordada, tanto que sua práxis jornalística foi a responsável pela imersão do cientista nas questões candentes de seu momento histórico. Sua abordagem partia do singular, mas de forma pendular, conectava-o nas particularidades, intuindo sempre uma totalidade mais ampla à qual os fatos se integram. A obra 18 Brumário de Luís Bonaparte (MARX, 2011a) é um bom exemplo dessa paixão e engajamento direcionados em possibilitar aos leitores o acesso aos meandros de eventos políticos de maior magnitude. Marx produzia um jornalismo como conhecimento e também esclarecimento, certamente, mas evidentemente enquadrado em outro modelo narrativo e político, o que, a nosso ver, não modifica sua

relevância e influência para os repórteres de hoje. Até mesmo porque, concordando com Genro Filho (2012), o jornalismo informativo inaugura uma nova forma de conhecimento que, mesmo nascido no interior de necessidades do capital em expansão, cria um valor de uso social ligado às informações singularizadas que produz. O jornalismo informativo envolve “uma forma específica de apreensão e reprodução da realidade, uma determinada funcionalidade técnica e uma linguagem” (p. 116).

A associação automática entre a produção noticiosa e a mercantilização capitalista faz com que, romanticamente, autores como o jovem Habermas (1987) defendam uma produção noticiosa que resgate a forma partidária de elaboração de conteúdo jornalístico. Genro Filho (2012) corretamente rejeita essa visão, demonstrando que a práxis noticiosa não pode se restringir ao discurso político, mas direcionar-se a compreensão do singular e à construção de informações capazes de apresentar, na dialética entre fenômeno e essência, fatores capazes de possibilitar ao público mecanismos de superação da aparência fetichizada do mundo do capital. Um jornalismo como o de Marx, que na diferenciação funcionalista dos gêneros jornalísticos, poderia estar na intersecção entre a opinião e a informação, precisa ser resgatado pela atitude e capacidade investigativa de análise. Esses requisitos podem influenciar os jornalistas na busca por um jornalismo crítico e esclarecedor, capaz de auxiliar na superação dos estranhamentos que se dão na esfera da cotidianidade (LUKÁCS, 2012).

Embora não haja um texto de Marx teorizando o jornalismo, excetuada a reflexão juvenil sobre a liberdade de imprensa que apresentamos anteriormente, seus textos jornalísticos deixam exemplos claros do papel da práxis noticiosa para a educação da classe trabalhadora, pensando - diferentemente da estrutura de agitação e propaganda leninista que ganhou espaço no interior do movimento comunista internacional⁶ - que a exatidão e a análise criteriosa dos fatos cumprem um indispensável papel na formação de sujeitos históricos. Longe de uma evocação à imparcialidade ou à neutralidade do agente, fica claro que o método marxiano de investigação do real, cuja relação entre singular, particular e universal se evidenciava, no caso, explicitando um conhecimento sobre os eventos em suas conjunturas históricas e sociais, foi cultivada e aprimorada por Marx em toda sua carreira de repórter.

⁶ Deve-se fazer a ressalva de que há uma evidente caricatura dessa tática, que foi compreendida como uma teoria essencial do jornalismo para além do contexto czarista da Rússia às portas da revolução.

Nesse ínterim, Marx militou em mídias alternativas, mas sabia que alcançava poucas pessoas. Além da necessidade financeira de obter remuneração com a atividade enquanto repórter, ele também descobriu que seria importante trabalhar na mídia *mainstream* para ampliar o escopo de divulgação de suas ideias, reconhecendo que isso o levaria a um cabo de guerra com os interesses empresariais, sendo que em algumas situações ele foi claramente censurado (MOSCO, 2012). Sem nenhuma ilusão idealista, Marx percebia que há contradições nas instituições sociais e já reconhecia “os constrangimentos impostos por uma estrutura que entretanto jamais consegue conformar integralmente o processo produtivo” (MORETZSOHN, 2007).

Na esteira do último Lukács (2013) ao tratar dos pôres teleológicos dos homens, a subjetividade capaz de tecer e criar alternativas faz parte da condição humana. A intelectualidade do agente repórter é um ponto alto da visão jornalística de Marx, que por meio de suas abstrações dialéticas conseguiu ampliar o potencial de compreensão dos fatos de seu tempo. Essa potencialidade de perscrutar o real coloca o jornalismo como uma práxis capaz de expressar um conhecimento das singularidades do mundo, esse desenho é fundamental para o mapeamento do território em que as ações humanas podem se objetificar.

Se hoje queremos responder à ofensiva neoliberal que está destruindo a sociedade, aumentando a exploração e precarizando as vidas das classes trabalhadoras, temos que realizar análises e diagnósticos que sirvam como um mapa social para podermos atuar. Cartografias capazes de reunir os díspares em uma história comum que nos permita questionar o consenso político neoliberal e a passividade adquirida ao longo de décadas (PINO, 2014, 121).

O esclarecimento possível do jornalismo exige, contudo, um esforço de transição, por parte dos repórteres, da esfera cotidiana, pois a naturalização das relações sociais cristalizadas no senso comum e a entrega voluntaria ao tecnicismo utilitarista da prática profissional estranhada nada se aproxima do exemplo marxiano de conduta jornalística. O Marx jornalista ressalta a missão de “usar a imprensa como ferramenta que auxilie a classe operária a apreender criticamente a realidade e se motivar a agir para transformá-la” (MORAES, 2016, p.47). Sinteticamente, como contribuições do Marx jornalista aos estudos da práxis noticiosa, podemos elencar: a) a preocupação em expressar a singularidade, sempre em movimento, da realidade social; b) a busca por elucidar as contradições sociais prementes na sociedade capitalista; c) a atenção especial

em desnudar os interesses dos agentes e grupos sociais envolvidos nas dinâmicas dos acontecimentos; d) o olhar histórico sobre as causas imanentes dos processos sociais; e) a delimitação do território das disputas em consonância com a compreensão das particularidades presentes nos eventos; e) a compreensão da conjuntura como a busca de “captar as relações entre os fenômenos sociais inscritos em uma totalidade em movimento” (BENSAÏD, 2013, p. 160); f) o ângulo da luta de classes como fio condutor na cartografia dos conflitos, ou seja, o concreto como resultante de múltiplas determinações que devem ser conhecidas para se pautar qualquer luta.

Considerações Finais

Os elementos de continuidade e descontinuidade da dialética da história nos revela a importância das ideias de Marx para compreender a realidade social. Desde a economia política, passando pelo debate sobre a cultura e a comunicação, ele tem muito a nos oferecer. Tem crescido de forma bastante rica os estudos da internet baseados na crítica marxiana ao capital (FUCHS, 2016) e também ganha relevo os debates em torno da classe trabalhadora em tempos de cooperação complexa de produção do capital (TEIXEIRA e FREDERICO, 2008). A crise que perpassa o ecossistema jornalístico (RAMONET, 2012) nesse sentido só pode ser entendida com base no debate da estrutura social em tempos de crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002), complexo que unifica os epifenômenos do neoliberalismo, da reestruturação produtiva, do pós-modernismo, e da globalização capitalista. As subjetividades sofrem a captura desse modo de produção do capital em rede e são seduzidas pela consolidação da figura do homem-empresa em um capitalismo de curto prazo (DARDOT e LAVAL, 2016).

O advento da massa de mídias gerou um novo ambiente de proliferação das chamadas notícias falsas, o que tem gerado uma disputa em torno da verdade jornalística, em que, de um lado os velhos conglomerados de produção noticiosa enfrentam as mídias radicais (DOWNING, 2002) que se alvoram no direito de produzir informação. A esfera da disseminação e distribuição de informações passa a ter o controle do processo e apreende formas de lucrar com a produção massiva de conteúdos em redes sob seu controle. A parceria entre esses grandes players e a imprensa no sentido do monopólio da verdade jornalística expressa a dimensão fenomênica de um problema essencial que perpassa a prática noticiosa, ou seja, a relação entre a exatidão e a verdade (MILNER apud ZIZEK, 2017). É aqui que o Marx jornalista precisa ser

repetido, o que significa “recuperar o mesmo impulso na constelação atual” (ZIZEK, 2002, p. 15), pois ele nunca colocou a verdade (a causa em que estava comprometido) como delimitadora da exatidão (verdade factual, precisão realista, o singular?) que o motivava em suas matérias. As notícias falsas que ganham presença nas bolhas informativas tem seguido um modelo que foi bastante comum na era staliniana da União Soviética, ou seja, à verdade “não apenas é permitido ignorar a exatidão, ela pode inclusive modificá-la arbitrariamente” (ZIZEK, 2017, p.93).

Com o jornalismo cada vez mais disperso nos capilares da sociedade, tanto sua banalização na práxis utilitarista popularisca, com todos podendo ser jornalistas, quanto um retorno ao controle monopólico nas grades da imprensa burguesa “profissional”, parece-nos esfumegar o real problema. A questão é que tipo de jornalismo pode ser realizado nesse novo território digital e qual a sua necessidade. Em se tratando de um mundo conduzido pela expropriação intensiva do capital, em que o fetiche e a reificação invadem as mentes estranhadas de grandes contingentes populacionais, o vigor do Marx jornalista pode servir de exemplo e modelo e talvez, novamente, apontar caminhos.

Referências bibliográficas

BARSOTTI, Paulo. **Marx e Engels: crise econômica e revolução social (1844-1857)**. Revista Lutas Sociais, n. 23, 2º sem, 2009.

BENSAÏD, Daniel. **Marx: manual de instruções**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENSAÏD, Daniel. Os despossuídos: Karl Marx, os ladrões de madeira e o direito dos pobres. In: MARX, Karl. **Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DARDOT, Pierre. e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, Editora Boitempo, 2016.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

EAGLETON, Terry. **Marx estava certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FREDERICO, Celso.; TEIXEIRA, Francisco. **Marx no Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2008.

FUCHS, Christian. **Em direção a uma problemática marxista de estudos sobre a internet.** Crítica Marxista, n.43, p.67-93, 2016.

FUCHS, Christian and MOSCO, Vicente. **Marx is back:** the importance of Marxist theory and research for critical communication studies today. triple C, v. 10 n. 2, 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GROHMANN, Rafael. **Marx de volta? Na comunicação?** Mídia e Cotidiano, v. 4, n.4, junho de 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna.** São Paulo: Boitempo, 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MAIER, Corinne e SIMON, Anne. **Marx: uma biografia em quadrinhos.** São Paulo: Barricada, 2018.

MARX, Karl. **18 Brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011a.

MARX, Karl. **A liberdade de Imprensa.** Porto Alegre: LP&M, 2006.

MARX, Karl. **Grundrisse.** São Paulo: Editora Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. **Os despossuídos:** debates sobre a lei referente ao furto de madeira. São Paulo: Boitempo, 2017.

MEHRING, Franz. **Karl Marx: a história de sua vida.** São Paulo: Editora Sundermann, 2013.

MELO, José Marques de. **Marxismo e comunicação**: contribuições para revitalizar o pensamento crítico brasileiro. *Comunicação & Educação* v. 16, n. 2, 2011.

MÉSZÁROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MORAES, Dênis de. **Crítica da Mídia e Hegemonia Cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOSCO, Vincent. **Economia Política da Comunicação**: uma perspectiva laboral. *Comunicação e Sociedade* 1. Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Braga, v. 12, n. 1-2, p. 97-120, 1999.

MOSCO, Vincent. Marx is back, but which one? On knowledge labour and media practice. In: FUCHS, Christian and MOSCO, Vincent. **Marx is back**: the importance of Marxist theory and research for critical communication studies today. *triple C*, vol. 10 n. 2, 2012.

PINO, Mario Espinoza. **Karl Marx, um periodista em la era del capital**: apuntes para uma investigaci3n. *Is3goria*, n. 50, jan-jun de 2014.

PONTES, Felipe Sim3o. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**. Florian3polis: Insular, 2015.

RAMONET, Ign3cio. **A explos3o do jornalismo**: das m3dias de massas 3 massa de m3dias. S3o Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a not3cia**: uma hist3ria social dos jornais nos Estados Unidos. Petr3polis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Rafael B.R. **Ontologia do jornalismo**: trabalho do conhecimento e pr3xis noticiosa em tempos de crise. *E-Comp3s*, v.20, n.3, set/dez, 2017.

ZIZEK, Slavoj. **3s portas da revolu3o**: escritos de Lenin de 1917. S3o Paulo: Boitempo, 2002.

ZIZEK, Slavoj. **Lenin navegando em territ3rios desconhecidos**. *Margem Esquerda* – revista da Boitempo, n. 28, maio de 2017.